

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Ônibus e chuva

Sergio Rezende Peres
sergiorezendeperes64@gmail.com

São quatro horas da manhã. O dia amanece chuvoso, e o frio se insinua pela bainha da calça, sobe pela canela e faz o queixo bater. Ainda assim, é dia útil, meio da semana, e a labuta não espera. No ponto de ônibus, pescoços se alongam entre guarda-chuvas abertos à procura do bendito ônibus que insiste em não chegar. Nessas horas, qualquer farol surgindo ao longe renova a esperança. Finalmente ele dobra a esquina e rasga a chuva miúda da madrugada. A fila se organiza num instante. Hoje tive sorte: ainda há lugares vagos. Sento-me junto à janela, com o guarda-chuva pingando sobre o sapato. Em manhã de chuva, pegar ônibus deixa de ser rotina e vira uma pequena epopeia urbana. À medida que o veículo segue viagem, as conversas se espalham pelo corredor. Fala-se da família, do trabalho que já não satisfaz e da saúde que reclama em silêncio. Alguns ariscam discutir política e logo as vozes sobem de tom. Enquanto isso, observo pela janela o trânsito que a chuva transforma em um in-terminável desfile de lanternas vermelhas.

O ônibus lota rapidamente.
— Motorista, pelo amor de Deus, não cabe mais ninguém nessa lata de sardinha! A reclamação provoca alguns risos, mas ninguém discorda.
Com o passar dos pontos, os passageiros vão descendo e o ar volta a circular. Foi então que uma senhora sentou-se ao meu lado. No colo, carregava um livro. Tentei descobrir o título, mas ela cochilava e a capa permanecia escondida.
Uma freada mais brusca a despertou.
— Gosta de ler? — perguntou, percebendo minha curiosidade.
Assenti, e logo começamos a breve conversa sobre literatura. Ouvi com atenção a sabedoria simples daquela desconhecida. Há pessoas que carregam bibliotecas inteiras dentro de si.
Quando percebi, minha parada estava chegando. Despedi-me às pressas e desci ainda pensando na conversa.
No dia seguinte, ela não apareceu. Talvez tenha mudado de horário, de ônibus ou de romance. Ou talvez tenha descoberto que, naquela linha, para ler em paz, só mesmo descendo no ponto final.

Patrimônio à moda política

Esequiel Mesquita
emesquita@ufc.br

Longe de desmerecer as barracas da Praia do Futuro; antes, digo eu, precisam de instrumentos adequados que viabilizem o trabalho turístico. Todavia, quando instrumentos de proteção do patrimônio cultural são utilizados de modo equivocado, maceira-se sua qualificação; a contribuição é inversa à defesa.
É preciso resgatar a história; quando o digo, lembro que a proteção do patrimônio histórico no Brasil é recente; tem história, método e finalidade: nasce institucionalmente com o Iphan, em 1937, ganha densidade com o Decreto-Lei nº 25, amplia-se com as cartas internacionais difundidas pelo ICOMOS e alcança maturidade constitucional em 1988, quando passa a abranger bens materiais e imateriais ligados à identidade, à memória e à ação dos grupos sociais. União, estados e municípios podem reconhecer bens patrimoniais, mas não o fazem por vontade solitária: devem escutar, fundamentar, estudar e demonstrar o vínculo real entre o bem e

a memória coletiva.
Nesse contexto, pergunto: serão as barracas da Praia do Futuro suficientemente dotadas de valor histórico, cultural, artístico, paisagístico ou identitário para serem elevadas à categoria de patrimônio ou é apenas uma decisão política? No segundo caso, o instituto se esvazia. O que deveria ser um instrumento de preservação passa a funcionar como expediente retórico, usado para impedir debates urbanísticos, congelar conflitos administrativos ou produzir capital simbólico imediato. O prejuízo é duplo: de um lado, banaliza-se a ideia de patrimônio, tornando indistintos os bens que efetivamente carregam memória coletiva daqueles que apenas foram elevados por oportunidade; de outro, impõem-se restrições jurídicas, econômicas e administrativas sem a necessária motivação técnica, abrindo espaço para questionamentos, insegurança e descrédito das próprias políticas de preservação.
Patrimônio não pode ser carimbo de ocasião, tampouco ser servido de bandeja à moda política.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Cadê o sol?

Elias Oliveira
Contador

Outra vez viajando de férias eu estava bem cansado de andar o dia todo e parei em um parque perto de uma praia para descansar. Era verão naquele país.
Comecei a observar um grupo de amigos, que pareciam até mais colegas de trabalho, que chegaram lá para aproveitar o sol, colocar o papo em dia, fizeram até um pequeno lanche. Bem parecido com aquelas cenas que vemos em filmes.
Naquele clima de férias, cansado, não tinha me atentado ainda às horas, mas depois vi que era umas 19h e o sol estava ainda bem forte, era verão mesmo.
Aquela cena me deixou pensativo, primeiro pelo horário, sempre me espanto quando estou em outros locais e o sol não “obedece” ao horário que já estou habituado. E também o fato daquelas pessoas conseguirem curtir um parque ou uma praia depois de um dia trabalho, para mim, isso era impossível.
Moramos bem próximo da linha do Equador, então, não há uma variação da quantidade de horas do dia com sol, geralmente nasce por volta das 5:30h e se põe às 17:30h, às 18h já damos um “boa noite”.
O trabalhador normal entra no trabalho por volta das 8h e sai às 18h para cumprir as suas 44h semanais, sem contar os sábados. Moramos na “Terra do Sol”, mas nem aproveitamos da sua luz durante a semana. Olhe lá quando conseguimos aproveitar no final de semana, escuto muito que sábado é o dia de resolver tudo que tem para resolver e domingo, descanso.
As discussões recentes do fim da escala 6x1 reacenderam minha esperança de refazer aquela cena de filme que vi na minha frente naquele dia de férias, para além de termos mais tempo para família e lazer, talvez possamos s pegar mais um tempo de sol durante a semana, aproveitar mais a nossa cidade, nossos parques e praias.

Moramos na “Terra do Sol”, mas nem aproveitamos da sua luz durante a semana

CARLUS CAMPOS



Palavra inventada

Jansen Viana
Bancário, escritor, dramaturgo, poeta, roteirista, chargista, cronista

Os drones do Mucuripe vão sair para pescar, lançando suas redes perfeitas exatamente onde o cardume está.
No meio do caminho havia uma pedra. Havia, mas o satélite a identificou e, em menos de um minuto, a pedra desapareceu, sumiu, misteriosamente.
E quem queria ter na vida simplesmente uma casinha branca com varanda agora tem um apartamento do tamanho da varanda, com sala, cozinha, quarto e banheiro, sem quintal. Da janela, não dá para ver o sol nascer.
Pela janela do quarto, pela janela do quarto, só drones que entregam qualquer coisa, porque a asa branca já voou, procurando um sertão.
Seu robô, faça um favor: traga depressa uma boa média de likes que sejam repostados,

um público bem quente com engajamento à beça — e corrija meu prompt.
Amigas virtuais generativas, sejam versáteis, não façam tudo igual todo dia, não acordem às seis horas da manhã, pois nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia. Tudo já passou, tudo sempre passará.
Tudo é automático. Tem Alexa de todo jeito. Há mulheres e homens, de todas as cores, de todos os amores, robóticos. Não se lava mais roupa todo dia; só tecnologia, sem agonia.
O ano é 2050. Os Jetsons são antiquados. Os relacionamentos mudaram, os sentidos da vida são outros, a humanidade é outra. E os afetos, como serão?
Que impressões trará a impressora 3D? O que nos roubará a robótica? Para onde nos levará a IA? Quais outras novidades virão? Só sei que tudo vai mudar mais do que imaginamos.
Penso que só uma coisa permanecerá humana: A ARTE!

Quinze anos

Benevides Machado de Carvalho
Agrônomo, poeta

Como corre o tempo
Nos levando ao futuro
Bons ideários! Sempre!
Nunca jamais, o obscuro!

O tempo rompe os diversos
Nos sejam, prós ou contra
Distanciados dos perversos
A felicidade, passo a passo, nos encontra.

É comum a existência
Do certo e do errado
A certeza é nossa aderência
O errado deve sempre ser descartado.

O bom e o ruim
No dia a dia, nos acompanham
O que é bom para todos, também o é, para mim.
Chama-se de ruim, os fatos que nos estranham.

Esta é uma mensagem
Que seu avô lhe faz
Vencer à vida, requer coragem
Agindo dentro do bem, encontraremos a paz.

Nossa netinha, Sofia!
Uma filha estudiosa e obediente
Sobrinha, que só traz alegrias
Com seu dia a dia, sempre no crescente.

Nascida em Fortaleza, Ceará
No Henrique Jorge, é moradora
Colégio Brasileiro, estudante de lá
Boa aluna e amiga de suas professoras.

Você hoje, uma debutante
Feliz, entre todos os familiares
No seio da sociedade, estreante
No edifício da vida, os estudos são os andares.

É com imensa satisfação
Que a você parabenizamos
Palavras saídas de cada coração
Pais, avós e tias! Todos lhe amamos.
“Feliz aniversário!”